



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE, CULTURA
E HISTÓRIA (ILAACH)**

**LETRAS – ESPANHOL E PORTUGUÊS COMO
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**

**RELATO DE UMA PROFESSORA-PESQUISADORA SOBRE O CONTEXTO
MIGRATÓRIO EDUCACIONAL EM MEDIANEIRA: UMA REFLEXÃO SOBRE
ACOLHER E INTEGRAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

DALVA MACHADO DE SOUZA ARNS

FOZ DO IGUAÇU

2023



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE, CULTURA
E HISTÓRIA (ILAACH)**

**LETRAS – ESPANHOL E PORTUGUÊS COMO LÍNGUAS
ESTRANGEIRAS**

**RELATO DE UMA PROFESSORA-PESQUISADORA SOBRE O CONTEXTO
MIGRATÓRIO EDUCACIONAL EM MEDIANEIRA: UMA REFLEXÃO SOBRE
ACOLHER E INTEGRAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

DALVA MACHADO DE SOUZA ARNS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras - Espanhol e Português como Línguas Estrangeiras.

Orientadora: Prof. Mestre Lívia Fernanda Morales

FOZ DO IGUAÇU

2023

**RELATO DE UMA PROFESSORA-PESQUISADORA SOBRE O CONTEXTO
MIGRATÓRIO EDUCACIONAL EM MEDIANEIRA: UMA REFLEXÃO SOBRE
ACOLHER E INTEGRAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Latino-Americano
de Arte, Cultura e História da Universidade
Federal da Integração Latino-Americana,
como requisito parcial à obtenção do título
de Licenciatura em Letras – Espanhol e
Português como Línguas Estrangeiras

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Mestre Lívia Fernanda Morales
UNILA

Prof^a. Dr^a. Simone Beatriz Cordeiro Ribeiro
UNILA

Prof^a. Dr^a. Laura Janaina Dias Amato
UNILA

Foz do Iguaçu, 19 de junho de 2023

Dedico esse trabalho a todos que acreditam na educação e que lutam diariamente para fazer a diferença dentro do meio escolar, a qual não se resume apenas a parte pedagógica, mas sim, a todos que de alguma forma estão conectados nessa grande comunidade escolar.

AGRADECIMENTOS

Seja pelo tempo que eu existir sempre agradecerei à minha família, esposo João Batista, aos meus filhos Robson Augusto e Ana Beatriz, por toda a força, incentivo e, por muitas vezes, me erguerem frente às dificuldades enfrentadas durante este período.

Em especial aos meus filhos que me ajudaram a me inscrever no ENEM e depois me inscreveram para tentar conseguir uma vaga na Universidade, e muito mais, por terem me acompanhado para a realização da minha matrícula e estarem sempre comigo.

Dedico em especial à memória da minha mãe Augusta, que no meio desse momento conturbado em que eu vivia e em meio a uma pandemia perdeu a sua vida, mas que sempre me dizia, ao pegar em minhas mãos: “essas mãos são de professora”.

Agradeço muito ao meu Deus Jeová, por nunca ter me deixado esmorecer diante de todas as provações que o mundo nos impõe.

Agradeço muito a nossa turma de 2018, cujos colegas sempre foram incentivadores uns dos outros, para que não desistíssemos devido às dificuldades que havia, e que, em muitos momentos, nos erguiam com palavras para superarmos as adversidades que tivemos que superar.

É claro, aos queridos professores da UNILA, que passaram por minha vida acadêmica e que sempre me incentivaram, e aos meus colegas, a continuar. Sempre irão existir os mais especiais em nossa vida, a esses agradeço imensamente a paciência em alguns momentos.

Agradeço à professora orientadora Lívia que em vários momentos esteve ao meu lado como professora, como orientadora de estágio e agora como orientadora do meu TCC, gratidão imensa pela sua ajuda, pela compreensão em muitos momentos e pela sua força quando perdi a minha mãe.

Obrigada a todos por tudo, pela companhia, compreensão e aprendizado durante esses anos, todos fazem parte da minha história de alguma forma.

“Mesmo quando tudo parece desabar, cabe a mim decidir rir ou chorar, ir ou ficar, desistir ou lutar, porque descobri, no caminho incerto da vida, que o mais importante é o decidir.”

Cora Coralina

ARNES, Dalva Machado de Souza. **RELATO DE UMA PROFESSORA-PESQUISADORA SOBRE O CONTEXTO MIGRATÓRIO EDUCACIONAL EM MEDIANEIRA: UMA REFLEXÃO SOBRE ACOLHER E INTEGRAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL**. 2023. 49 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Letras - Espanhol e Português como Línguas Estrangeiras – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2023.

RESUMO

A cidade de Medianeira recebe frequentemente migrantes vindos de países vizinhos em busca de uma melhor qualidade de vida. Como, geralmente, esses migrantes vêm com a família, trazem consigo os seus filhos que precisam ser inseridos em instituições de ensino, sejam públicas ou particulares. Nesse momento surge toda a problemática apresentada no transcrito deste trabalho que versa sobre o acolhimento e a recepção desses discentes migrantes no contexto escolar, para que esses se sintam parte integrante da comunidade escolar. Diante disso, este trabalho tem por objetivo relatar e refletir sobre os meios utilizados, por uma professora-pesquisadora quando em sala de aula e que no momento desta pesquisa atuava na coordenação pedagógica da SMED, para facilitar a recepção e acolhimento de crianças migrantes na Educação Infantil. Para tanto, foi elaborado um roteiro semiestruturado, composto de 15 perguntas dissertativas, e realizada uma entrevista, que foi gravada e transcrita, com essa professora-pesquisadora, cujo relato serviu para a reflexão sobre o acolher e o integrar os discentes migrantes no contexto de uma escola municipal de Medianeira, a partir dos pressupostos teóricos de Rajagopalan (2013), Magalhães (2013), Freire (1993), Salgado (2018), Bortoni-Ricardo (2015), entre outros. O relato apresentado pela professora, por meio da entrevista, comprovou uma realidade cotidiana vivenciada por muitos professores, as dificuldades enfrentadas tanto pelos docentes como pelos discentes, no caso deste estudo da rede pública municipal de Medianeira, em relação ao acolhimento, tão necessário para que os migrantes se sintam integrados e pertencentes ao ambiente escolar.

Palavras-chave: Migração; Educação Infantil; escola municipal; Professor-pesquisador;

ARNS, Dalva Machado de Souza. **RELATO DE UNA PROFESORA-INVESTIGADORA SOBRE EL CONTEXTO MIGRATORIO EDUCATIVO EN MEDIANEIRA: UNA REFLEXIÓN SOBRE ACOGER E INTEGRAR EN LA EDUCACIÓN INFANTIL.** 2023. 49 páginas. Trabajo de Conclusión de Curso del curso de Letras - Español y Portugués como Lenguas Extranjeras - Universidad Federal de la Integración Latinoamericana, Foz do Iguaçu, 2023.

RESUMEN

La ciudad de Medianeira recibe a menudo inmigrantes de países vecinos en busca de una mejor calidad de vida. Como, por lo general, estos migrantes vienen con la familia, traen consigo a sus hijos que necesitan ser insertados en instituciones educativas, sean públicas o privadas. En ese momento surge toda la problemática presentada en el transcurso de este trabajo que versa sobre la acogida y recepción de esos discentes migrantes en el contexto escolar, para que se sientan parte integrante de la comunidad escolar. Delante de eso, este trabajo tiene por objetivo relatar y reflexionar sobre los medios utilizados, por una profesora-investigadora cuando en aula y que en el momento de esta investigación actuaba en la coordinación pedagógica de la SMED, para facilitar la acogida y el cuidado de los niños migrantes en la Educación Infantil. Para tanto, fue elaborado un guion semiestructurado, compuesto de 15 preguntas disertativas, y realizada una entrevista, que fue grabada y transcrita, con esa profesora-investigadora, cuyo relato sirvió para la reflexión sobre el acoger e integrar a los discentes migrantes en el contexto de un CMEI de Medianeira, a partir de los presupuestos teóricos de Rajagopalan (2013), Magalhães (2013), Freire (1993), Salgado (2018), Bortoni-Ricardo (2015), entre otros. El relato presentado por la profesora, por medio de la entrevista, comprobó una realidad cotidiana vivida por muchos profesores, las dificultades enfrentadas tanto por los docentes como por los discentes, en el caso de este estudio de la red pública municipal de Medianeira, en cuanto a la acogida, tan necesaria para que los migrantes se sientan integrados y pertenecientes al entorno escolar.

Palabras clave: Migración; Educación Infantil; Escuela municipal; Profesor-investigador;

SUMÁRIO

AUTOAPRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

2. METODOLOGIA

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4. RETRATO DE UM(A) PROFESSOR(A)-PESQUISADOR(A): REFLEXÕES EM TORNO DA ENTREVISTA REALIZADA COM A PROFESSORA PARTICIPANTE DO ESTUDO

4.1 BIOGRAFIA DA PROFESSORA PARTICIPANTE

4.2 ENTREVISTA REALIZADA COM A PROFESSORA PARTICIPANTE

4.3 REFLEXÕES SOBRE O ACOLHER E O INTEGRAR

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. INTRODUÇÃO

A migração é uma realidade cada vez mais crescente no cenário mundial, no Brasil não é diferente, sempre houve migração seja a nível internacional (vindos de países estrangeiros) ou nacionais (vindos de estados do mesmo país). O Relatório Mundial sobre migração 2022, informa que houve um aumento de 3,6 % da população mundial, acarretando um número de 281 milhões de pessoas migrantes no mundo. Atualmente, latino-americanos estão migrando por vários motivos, entre eles melhorias de vida. E isso não foi diferente dentro do estado do Paraná, que recebeu uma grande onda de migrantes que passaram a fazer deste estado a sua morada. Esse movimento migratório tem variados motivos, dentre eles estão crises políticas, econômicas, sanitárias, conflitos armados, desastres ambientais entre muitos outros ocorridos.

Segundo dados disponíveis pelo governo do Paraná, somente em 2021 houve uma entrada de cerca de 11 mil venezuelanos no estado, e para que estes refugiados e repatriados fossem recebidos com dignidade e acolhidos da melhor maneira possível, foi necessário que houvesse uma “promoção e efetivação” de ações que os contemplassem, ou seja, políticas públicas voltada para esse público¹. Podemos citar como promoção de proteção: a garantia dos seus direitos e a garantia de conseguir emprego, para que assim possam se sustentar e a seus familiares. Para isto, no Plano Estadual, foram levados em conta os direitos que são estabelecidos dentro da *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (1948), que defende que todos têm o direito à “universalidade, indivisibilidade e interdependência dos direitos humanos” para que assim seja possível proteger a todos que estão sob a proteção do estado. Outros documentos ainda se fizeram importantes, como o Decreto nº 9.199, de 20 de novembro de 2017, que regulamentou a Lei de Migração e estabeleceu procedimentos ao CNIg. Em 2019 foi publicado Decreto nº 9.873, em 27 de junho, que dispôs sobre o Conselho Nacional de Imigração e disciplina suas competências.

¹ II Plano Estadual de Políticas Públicas para Promoção e Defesa dos Direitos dos Migrantes, Refugiados e Apátridas do Paraná, 2022-2025

No caso de Medianeira, uma cidade paranaense que faz parte da região litorânea, portanto muito próxima da fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina, e que está localizada a 60km de Foz do Iguaçu, pouco se sabe a respeito da escolha deste município pelos migrantes, mas o que se percebe é que muitos estão se mudando para cá por conta do fator empregatício, pois em Medianeira existem duas grandes empresas que oferecem muitas vagas de emprego na sua linha de produção, possibilitando que esses migrantes possam trabalhar e, assim, sustentar suas famílias. Muitos se veem atraídos por essas propostas de emprego, apesar das muitas horas a serem trabalhadas.

Assim como outros municípios brasileiros que nos últimos anos vem recebendo migrantes de outros países, um ponto a ser salientado é que, devido a essa procura por uma melhoria na qualidade de vida e por terem direitos garantidos por leis, os migrantes podem morar nas cidades brasileiras e estudar nas escolas, tanto da rede pública estadual como municipal. Assim que chegam e se estabelecem no município, passam a ingressar no meio escolar e passam a fazer parte de um contexto que, de certo modo, exige uma comunicação em uma língua que pouco ou nada dominam, diferentemente da sua língua materna. No caso da cidade de Medianeira, campo de estudo desta pesquisa, na rede pública municipal que abrange as escolas e os CMEIs, estão matriculadas, de acordo com dados disponibilizados pela SMED, 191 crianças estrangeiras. Todas sendo atendidas e assistidas pela rede educacional e assistencial do município.

Sabemos que a língua portuguesa exige muito do estudante, principalmente daqueles que não a possuem como língua materna. Diante disso, nos perguntamos:

1. Como o professor se sente ao ter que ensinar uma língua para essas crianças não brasileiras que estão sendo inseridas dentro da rede municipal de ensino na cidade citada, sem ter conhecimento algum da língua materna do outro ou sem ter uma formação que lhe dê respaldo para realizar um acolhimento e uma integração mais efetiva a esses migrantes?
2. Como atuar de uma maneira satisfatória para que esses estudantes migrantes se sintam bem dentro da instituição e possam ter garantidos os seus direitos de forma ampla, total e com equidade, sem distinção?
3. Como os professores que estão nessa jornada tão linda, que é o ensinar, podem dar conta dessa nova demanda sem que se percam nas dificuldades que são

apresentados quando estes migrantes estrangeiros vindos de outro país são postos dentro de uma sala de aula?

Acreditamos que, tanto o desconhecimento linguístico como a escassez de formações nessa especificidade de acolhimento intercultural, acarretam uma grande dificuldade por parte da escola e das e dos professoras/es em conseguir receber, acolher e integrar esses migrantes de uma maneira mais humana e afetiva, principalmente, nesse momento difícil de transição de línguas, culturas e costumes. Portanto, buscar saber como o professor consegue fazer essa ponte entre o aluno, para que assim se façam entender em ambas as partes, fez com que buscássemos procurar saber o que o professor enfrenta e como lida com a chegada e a presença desses migrantes nas salas de aula do município de Medianeira.

Nesse sentido, ao observar como os professores e os alunos imigrantes estão deslocados dentro da sala de aula, pela diversidade e dificuldade linguística distintas de ambas as partes, condição que, em muitos momentos, acarreta na falta de compreensão no transcorrer da comunicação, acreditamos que buscar por alternativas e propostas que possam auxiliar os professores na tarefa de ensinar o conteúdo que é preparado para as aulas e para que esses estrangeiros repatriados consigam acompanhar da melhor forma o que está sendo ensinado pelo professor, são necessárias.

Acreditamos que existem sim soluções plausíveis, para que essas crianças possam sentir-se acolhidas dentro da instituição escolar e, assim, também poder auxiliar o professor que está nesta situação de se desdobrar para dar conta de todo conteúdo programado e integrar esses pequenos estrangeiros ao contexto de sala de aula e em interação como os demais alunos. Pensar como professores poderiam abordar um ensino que possa ter uma atuação perante tal situação seria sim,

reconhecer que esse é o ponto inevitável sobre o qual recai o que fazemos nas práticas de ensino-aprendizagem de línguas é como nos situássemos, sujeitos docentes e aprendizes, num cenário: o das práticas de ensino, de leitura, de escrita, de tradução no qual sempre estaríamos dando sustento a algo do que acontece nos bastidores (PAYER & CELADA, 2016, p. 23).

Outro ponto que justifica a importância da pesquisa reside no pensar em como o professor e o aluno irão se relacionar partindo da comunicação em suas

línguas maternas, mas que, em dado momento, terão a necessidade de interagir e se relacionar por meio dessa língua, de um lado materna e de outro estrangeira, para benefício mútuo. Ao refletir sobre o acolher e o integrar, o docente pode buscar por alternativas que em que a língua do país de acolhimento pode vir a fazer parte constituinte da identidade desse migrante, uma vez que o estudante terá que aprender essa nova língua para poder se desenvolver no meio em que irá viver de agora em diante. Contudo, um professor reflexivo e preocupado com os efeitos de sua prática pedagógica, ademais de compreender que o aluno precisa dominar a língua portuguesa, estará atento em como buscar minimizar a perda da língua materna desse migrante, pois na maioria das vezes o que se verifica é um corte brusco no uso de sua língua materna, para poder assim assimilar um novo conhecimento.

Sendo assim, o objetivo geral deste estudo de caso é verificar e refletir sobre os meios utilizados por uma professora para a recepção e o acolhimento de crianças migrantes em sua sala de aula, em uma escola municipal de Medianeira. Para tanto, temos como objetivos específicos:

1. levantar dados sobre como a professora participante do estudo adaptou meios para conseguir dar conta no acolhimento, recepção e aprendizado dessas crianças migrantes dentro do espaço da sala de aula;
2. citar quais foram as dificuldades que a professora participante e esses novos membros em sala de aula tiveram para conseguirem se comunicarem e se entenderem;
3. refletir sobre algumas propostas concretas que poderiam ser utilizadas para auxiliar os professores quanto à recepção e acolhida em sala de aula.

Buscando responder a problemática que move esta pesquisa e na tentativa de encontrar meios que possam auxiliar os professores da rede pública de Medianeira a acolher e receber esses migrantes em idade escolar, traçamos um percurso metodológico de viés qualitativo e aplicado, a partir da exploração e descrição dos dados levantados por meio do levantamento bibliográfico e do estudo de caso, cujo instrumento de geração de dados aplicado (um roteiro semiestruturado, composto por 15 perguntas) resultou na realização de uma entrevista com uma professora de um dos CMEIs da cidade de Medianeira.

Diante do exposto, para a tessitura deste Trabalho de Conclusão de Curso,

no segundo capítulo apresentamos a metodologia de pesquisa utilizada para a execução deste estudo e no terceiro capítulo tratamos da fundamentação teórica que embasou a pesquisa, dando suporte para a reflexão em torno da entrevista realizada com a professora participante do estudo e que está disposta no quarto capítulo. Neste, também, apresentamos uma breve biografia da entrevistada e finalizamos com uma análise-reflexiva das respostas dadas às perguntas.

Por fim são traçadas as considerações finais, momento em que ao refletir sobre o acolhimento de crianças não brasileiras inseridas nas escolas municipais, da cidade de Medianeira, pudemos mostrar como amenizar as dificuldades enfrentadas por essas crianças não brasileiras em adquirir uma segunda língua, neste caso o Português, bem como ajudá-los com esse novo idioma, fazendo com que não se sintam deslocados no ambiente.

2. METODOLOGIA

Para esta pesquisa optou-se pelo estudo de caso de cunho qualitativo, pois segundo Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa tenta compreender a totalidade do fenômeno, mais do que focalizar conceitos específicos. As coletas de dados não seguem o uso de instrumentos ou de estruturas formais, tem como ideia primária de compreender e interpretar as experiências.

Segundo Gerhardt e Silveira (2009) existem variados tipos de métodos e instrumentos a serem utilizados, como a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental, a pesquisa eletrônica, o questionário, o formulário e a entrevista. Para a pesquisa em questão, propomos a realização de uma entrevista a partir de roteiro de perguntas semiestruturado, onde o pesquisador pode organizar um conjunto de questões que servem de roteiro sobre o tema que está sendo estudado, podendo ser ajustado sempre que necessário e conforme se desenrola as perguntas diante do entrevistado.

A modalidade da pesquisa será o estudo de caso, a partir das informações coletadas na entrevista. Assim, a análise compreenderá uma reflexão em torno das respostas dadas pela professora participante do estudo, com vistas a responder a

problemática inculcida neste estudo.

A Pesquisa Exploratória tem por objetivo familiarizar-se com o problema para que se torne explícito ou podendo assim construir as ideias. Como já dito, a pesquisa descritiva tem como objetivo ter em mente o que buscar de informações para ser pesquisado, dentro da pesquisa descritiva podemos ver o que ela abrange como foco de pesquisa que é estudo de caso, análise documental e pesquisa ex-post-facto.

Outro ponto a ser feito antes da preparação da pesquisa em si e o levantamento dados existe a necessidade de uma pesquisa bibliográfica que tem como objetivo conhecer autores, documentos ou outros materiais que tenham algo que no momento poderá ajudar na pesquisa, tem muita importância pois eles que nortearão os rumos da pesquisa a ser feita.

No momento nesta pesquisa faremos o estudo de caso, pois ele tem mais a ver com o objetivo que é investigar a situação vivida tanto com o professor como com o aluno em relação a dificuldade observada devido ao desafio linguístico. Primeiramente lembrar que o estudo de caso busca sua observação dentro das instituições seja ela, um programa, um sistema, uma instituição educacional e etc. Ex: Para Alves-Mazzotti (2006, p. 640), os exemplos mais comuns para esse tipo de estudo são os que focalizam apenas uma unidade: um indivíduo (como os casos clínicos descritos por Freud). Neste tipo de pesquisa a ideia é apresentar uma perspectiva global na medida do possível e depois mostrar quais foram as observações tiradas, feita pela análise que o pesquisador fará.

Para responder a todas essas questões levantadas recorreremos a uma entrevista com a professora que naquele momento estava atuando com aquela turma, para isso foram preparadas um questionário semi estruturado e partindo dele foi feita toda entrevista e depois as observações e análises sobre o estudo de caso.

Para tanto, no mês de maio de 2023, realizamos uma entrevista com uma professora de Educação Infantil, de uma escola municipal de Medianeira. A entrevista foi organizada a partir de um roteiro semiestruturado, no qual buscamos compreender como essa professora se sentia em relação ao seu trabalho com esses estudantes migrantes, com vistas a entender melhor as reais dificuldades enfrentadas por ela no contexto de

sala de aula.

3- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como contexto teórico introdutório, abordaremos Rajagolapan (2013), que trata da sensibilização linguística, esclarecendo dúvidas sobre o que é linguagem e políticas linguísticas, tendo em vista que muitos ainda não compreendem o que se quer dizer quando se fala de políticas linguísticas e de como podem ser aplicadas para que possa auxiliar certas comunidades em defesa de sua língua, tornando-as visibilizadas a partir de documentos voltados a futuras ações que beneficiem algumas comunidades em situação de não privilégios e desvalorização, como, por exemplo, as minorias. Nesse caso, a política linguística gera reflexão sobre uma língua específica, tendo como ideia primária agir de forma concreta para que assim seja acionado mecanismo ou meios que possam criar interesse público em relação a uma certa língua de uma nação, estado ou instância maiores, seja ela, uma luta pela valorização de línguas de outros sujeitos que são minorias dentro de uma localidade, nação ou comunidade.

Essa ideia primária sobre sensibilização linguística também nos soa de uma maneira coerente ao pensar que o fluxo migratório de latino-americanos para as cidades interioranas se dá em contexto familiar, uma vez que muitas crianças migram juntamente com seus pais. A migração é real e com ela temos o desafio de ensinar, alfabetizar um falante de outra língua que não é a nossa.

Podemos entender que de forma geral e sob a lei regida pelo Estado todos os migrantes estão protegidos e devem ser assistidos pela educação da melhor forma possível, visto que

No Brasil, a lei n. 13.445, de 24 de maio de 2017, que institui a Lei da Migração, representa um avanço ao que concerne o direito à educação do migrante internacional. Destaca-se o caráter reformador dessa lei, a qual define, no art. 3 inciso XI, o “acesso igualitário e livre do imigrante a serviços, programas e benefícios sociais, bens públicos, educação, assistência jurídica integral pública, trabalho, moradia, serviço bancário e seguridade social. (BRASIL, 2017, p. 1).

A esse respeito, Magalhães (2013) esclarece que

O acesso a essa educação é um primeiro fator que põe em xeque seu princípio de universalidade, na medida em que obstáculos emergem em diversos momentos da trajetória dos imigrantes. Para aqueles em situação irregular no país, ainda que a lei garanta esse direito, a falta de documentos ainda configura como um entrave para entrar (quando solicitam que demonstrem situação regularizada no Brasil), para mudar de escola (quando não facilitam o histórico escolar), e mesmo para sair (com a não emissão do certificado de conclusão de curso). Especialmente no caso dos que estão sem documentos, a burocracia e a falta de informações sobre os direitos educativos são os muros que parecem mais evidentes. (MAGALHÃES, 2013, p. 59).

Portanto, a escola tem o dever de estar dando suporte para que esse estudante estrangeiro possa aprender no mesmo nível que os demais e que o ato de ensinar sempre terá que ser prioridade na vida do professor, não esquecendo sempre que nossos estudantes têm todo o direito a receber um ensino de qualidade e com conteúdo que os faça desenvolver a sua capacidade cognitiva, e que nós ao mesmo tempo que estamos ensinando também podemos aprender muito de nossos estudantes, muito bem citado por Freire (1993):

Quero dizer que ensinar e aprender se vão dando de maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observado a maneira como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para apreender o ensinando-se, sem o que não o aprende, o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos. (FREIRE, 1993, p. 259)

Realmente, quando estamos em sala de aula há uma reciprocidade de conhecimento, pois sabemos que nossos estudantes trazem consigo um aporte de conhecimento, que é o seu conhecimento de mundo, e quanto mais nosso estudante estrangeiro puder nos situar sobre como é seu país, como é a sua cultura, a sua vida, no seu entender, pode nos ajudar a ter empatia.

Mas pensando em como ajudar esse professor podemos pensar sobre a formação docente e em como, em muitos casos, ele não foi preparado para tais situações. De encontro a essa dificuldade, Salgado (2018), em sua dissertação de mestrado defendida na UNIOESTE, *Saberes docentes sobre alfabetização em contexto de variedades linguísticas de português/espanhol*, explicita como se dá essa defasagem:

Os resultados obtidos a partir das entrevistas realizadas com os professores demonstram uma grande vontade de acertar, de obter sucesso na alfabetização de todos os alunos. Os referidos dados apontam para uma relativa segurança demonstrada pelo professor que é familiarizado com o espanhol, no momento em que ele precisa direcionar sua prática pedagógica para aluno cujo idioma diverge daquele da maioria da sua turma. Porém, tal familiarização não é garantia total de segurança em atuar em contextos multilíngues, pois alguns professores, mesmo dominando o idioma, ainda relataram um certo desconforto em trabalhar esses contextos, sinalizando assim que não são apenas os de ordens linguísticas que caracterizam as dificuldades. SALGADO, 2018, p.95).

E isso é verdadeiramente o sentimento de quem atua dentro de uma sala de aula ao adentrar um estrangeiro, com todas as limitações do campo linguísticos e que precisam receber o mesmo ensino dado aos demais. Se nesta tríplice fronteira alguns conhecem a língua, neste caso, espanhola, talvez por conhecimento feito a partir de sua comunicação, imagina quando o idioma não é de conhecimento do professor?

Outro ponto que precisa ser abordado durante a pesquisa é a migração que está ocorrendo na nossa região, cuja interculturalidade existente, pois muitas dessas crianças têm sua cultura, seus valores, quando não bem administrada pode levar a um rompimento drástico, repercutindo no apagamento de tudo que ela conhece. Pensar dessa forma, valorizando esse estrangeiro em sala de aula, pode fazer com que o professor ajude aos demais na compreensão necessária para um acolhimento eficiente.

Mantoan (1993) mostra que ao normalizar tais situações, podemos garantir um desenvolvimento mútuo, pois

A normalização visa tornar acessível às pessoas socialmente desvalorizadas condições e modelos de vida análogos aos que são disponíveis de um modo geral ao conjunto de pessoas de um dado meio ou sociedade; implica a adoção de um novo paradigma de entendimento das relações entre as pessoas fazendo-se acompanhar de medidas que objetivam a eliminação de toda e qualquer forma de rotulação. (MANTOAN, 1993, p. 02).

Podemos perceber que o professor é de suma importância nesse momento para ajudar a todos os alunos, como grupo, a serem receptivos aos novos colegas e assim não haver nenhuma forma de discriminação.

Em “A educação pode mudar a sociedade?” de Michael W. Apple, nos ajudar a pensar em como o ensino igualitário e de qualidade pode ensinar e também aprender a mudança que a sociedade precisa para fazer a diferença no local onde vivemos. Isso é de suma importância ao trazer para a nossa vida escolar, a valorização de um ensino igualitário, que seja prioridade em qualquer local que estejamos trabalhando com membros que serão parte integrante da sociedade, formando uma sociedade mais humana, pois “a linguagem faz a diferença” (APPLE, 2017, p. 21).

O texto *Professor pesquisador*, de Stella Maris Bortoni- Ricardo, nos ensina o passo a passo de uma pesquisa quantitativa para conhecer o espaço escolar e suas peculiaridades corriqueiras. A autora mostra a importância de um professor que, diante de algo não conhecido ou entendido por ele, faz a ação de buscar através de pesquisas meios que possam ajudar a resolver algo que, naquele momento, não esteja conseguindo resolver, mostrando como é que as situações nos impõe essa necessidade de nos tornarmos pesquisadores.

4. RETRATO DE UM(A) PROFESSOR(A)-PESQUISADOR(A): REFLEXÕES EM TORNO DA ENTREVISTA REALIZADA COM A PROFESSORA PARTICIPANTE DO ESTUDO

Ao observar com meu olhar de leigo a Educação Infantil, mas em formação universitária para atuar como professora, em especial, no Ensino Fundamental e Médio, e trabalhando em uma escola, não dentro da sala de aula, mas fazendo parte da comunidade escolar, pude observar toda a dinâmica envolvida na prática docente existente ali. Ao perceber que desde que entrei nessa nova escola, havia crianças de outras nacionalidades e que tem como língua materna o espanhol, e até mesmo uma das crianças que naquele momento havia e que era haitiana, sendo alfabetizados junto com nossas crianças de língua portuguesa como língua materna, minha preocupação acendeu, por pensar como a professora que não tinha contato algum com a língua estrangeira do outro, poderia conseguir ensinar o conteúdo programático sem que houvesse uma defasagem em relação ao aprendizado que

essas crianças tinham todo o direito de adquirir. Ao questionar-me se ela sentia toda essa dificuldade ou se ela em algum momento sentia se incapaz de ressignificar toda essa problemática e foi assim que fui em busca de fazer minha pesquisa para falar da problemática existente: a falta de ajuda que existe para que o professor possa atender esses migrantes dentro da escola.

4.1 BIOGRAFIA DA PROFESSORA PARTICIPANTE

A Professora participante da pesquisa e que concedeu a entrevista, é casada; mãe de um filho homem que é universitário no RS; atua como docente na Educação Infantil a cerca de 20 anos, sua formação inicial foi no ensino médio normal, antigo 2º grau, e, devido a uma necessidade da época, por falta de professor na sua região, que era o interior de São Miguel do Iguacu/Paraná, foi convidada a atuar como professora em uma escola rural. Foi nessa época que começou seu trabalho como professora de Pré-escola na Escola Rural Teodoro Antônio Bortoluzzi, em São Miguel do Iguacu, na qual trabalhou por três anos, mesmo sem conhecimento pedagógico. Com o tempo, por ter tomado gosto pela profissão, buscou se formar na área. Para isso cursou pedagogia e no ano de 1998 formou-se como pedagoga. Logo em seguida buscou fazer uma especialização e fez a pós-graduação em Psicopedagogia, concluindo-a no ano de 2000.

Em 2003 mudou-se para Medianeira, onde fez o concurso para professores do Município. Sendo aprovada, iniciou sua carreira como professora nesta cidade indo trabalhar em um dos muitos CMEIS que o município tem. Trabalhou com crianças com idade de 3 anos na época. Em 2007 foi transferida para a Escola Municipal I, onde atuou em várias turmas de Educação Infantil e Ensino Fundamental I. Atualmente está trabalhando na Secretaria de Educação, por considerar um desafio muito grande, a professora entrevistada entende que precisa sempre estar buscando aprimorar o seu conhecimento, para que, assim, possa dar o seu melhor para orientar e instruir os professores que estão sob a sua responsabilidade.

4.2 ENTREVISTA REALIZADA COM A PROFESSORA PARTICIPANTE

Devido ao que observei durante o ano de 2022 com a chegada de vários migrantes na sala de aula onde trabalho, busquei conhecer todas as possíveis dificuldades enfrentadas entre professor e aluno, nessa nova situação que está ocorrendo em muitas escolas e cmeis da cidade de Medianeira-Pr. Para tanto, realizei uma entrevista com

Perguntas para entrevista:

1. Acreditando que essa nova mudança no cenário mundial onde muitos imigrantes estão fazendo do nosso país a sua morada e assim também tendo a necessidade de estar estudando e com direito como nós, para você professora o que conseguiu perceber do início da sua carreira em diante?

R: Cada ano é diferente né, primeiro a gente tinha as turmas que a gente dizia normais, os alunos normais, sem inclusão, aí venho a inclusão, e agora nós temos os alunos estrangeiros, que fazem parte da nossa rotina, então assim, a cada ano é uma descoberta nova, uma mudança e gente tem sempre que ir em busca para conseguir melhorar.

Conte um pouco da sua vida como educadora:

R: Primeiro, é eu não fiz magistério, eu fiz o normal, e aí, como eu morava no interior, caiu uma turma de sala de aula para mim substituir a professora em licença maternidade, e como era interior e não tinha, então eu fui parar dentro de uma sala de aula e aí eu gostei e aí eu fui fazer a pedagogia, pra me habilitar, para dar aula, mas assim, a formação, o que eu vejo agora, a formação em si é muita teoria, né teoria, teoria, mas se a gente for realmente aplicar em sala de aula ela realmente não dá certo, o que eu vejo é que a gente tem que aprender na prática, o melhoramento, o jeito de trabalhar, mas é lógico que tem que ir em busca de estudar, se informar, mas é assim e a pedagogia em si não dá suporte para nós trabalhar, muito teórico, então só se aprende mesmo entrando na sala de aula e na prática. NA verdade, você pode dizer vou fazer uma pedagogia, uma pós em psicopedagogia, mas é só

na prática que você vai aprender, você vai estudar, ler os estudiosos, é fácil montar uma teoria, mas é só na prática do dia a dia que você vai conseguir entender seus estudantes, porque cada um tem seu tempo, seu desenvolvimento, cada um é único, e somente durante sua prática, a sua vivência é que você vai conhecendo seus alunos, como que cada um vai aprendendo, e aí em cima disso que você vai montar as suas aulas.

2. Já havia acontecido algo parecido ao que houve durante o ano que deu aula para séries iniciais, em relação aos estrangeiros matriculados na sua classe?

R: Ainda não tinha tido estrangeiros ainda não, na verdade no ano da pandemia 2020, tive um aluno que foi matriculado no quinto ano, mas foi pouco tempo e era aulas remotas, onde eles vinham buscar as tarefas para a semana e tirávamos as dúvidas por watsapp. Mas igual ao ano passado que além dos inclusos né, ainda teve os estrangeiros, então assim, foi um desafio bem grande, até conseguir, assim a comunicação, principalmente na educação infantil, que é a oralidade, a linguagem e aí, tinha essa barreira, a linguagem com os estrangeiros, os venezuelanos era bem difícil, bem diferente a fala, e o mais difícil é que eles não estavam desde o começo do ano, eu estava em desenvolvimento juntamente com os demais e de repente um novo aluno, estrangeiro, tímido, muitas vezes recorria a uma funcionária, mas não podia ser o tempo todo então recorria ao google, na parte da tarde tinha dois, o X e a Y, nesse momento eu pedia ajuda do X para me auxiliar para explicar para a Y, algumas coisas, porque ele já sabia mais o português, então quando eu não entendia o que a Y falava eu pedia para o X me dizer, mas pela manhã o W sozinho, era mais difícil, daí eu ia em busca de pesquisar cada coisa, pesquisar principalmente o básico, os dias da semana, meses do ano, o básico rotineiro para conseguir dar aula, é bem difícil mesmo, eu nunca tinha passado por essa situação.

3. Percebendo as dificuldades que esses estrangeiros tiveram ao serem matriculados, como você conseguiu dar continuidade ao que estava trabalhando em sala junto com os novos membros?

R: Buscando o básico para poder dar continuidade, o bom era que, como eles eram pequenos. Logo eles pegam a nossa língua, aprendem, e vão se

pagando do nosso idioma, os estudos dizem que dos seis aos onze anos é a fase da alfabetização, e a melhor fase de aprendizagem dessas crianças, e quando chega esses estrangeiros para nós, ali em sala de aula, com seus seis a oito anos também fica mais fácil, porque eles acabam se apropriando facilmente da língua, e infelizmente por conta da escola, e depois por precisar trabalhar estes estrangeiros acabam deixando de se comunicar na sua língua e começam a falar somente o português, o que é uma pena.

4. Como você professora sente ao perceber o quanto o meio escolar está mudando com a migração crescente, e a sua formação tanto no magistério, como em pedagogia em muitos casos, não contemplou e não contempla essa preocupação de receber a tais estrangeiros repatriados com um acolhimento e conhecimento específico para estes?

R: Em se falando da atualidade não sei como está a formação e a preocupação com essa mudança no cenário onde muitos estrangeiros estão se tornando parte da nossa rotina escolar, mas quando eu fiz pedagogia em momento algum se falava sobre como atuar com a ideia de pessoas de outro país para nós ensinar, acho que nem passava pela cabeça que isso iria acontecer com tanta frequência, se tornando uma realidade crescente para todos nós educadores. Na minha formação não vi nada, é uma coisa bem nova, mas devagarinho a gente vai se adaptando e entrando nesse mundo, que nem eu falei tem que estudar, né.

5. O seu olhar de empatia com certeza era exigido em vários momentos, como você conseguia auxiliar esse aluno estrangeiro a se socializar e desenvolver o seu aprendizado na sala de aula?

R: Olha, primeiramente é a aceitação deles em sala de aula, temos que ter a empatia de aceitar ele dentro da sala de aula e dizer, não ele estão aqui, e eles são nossos e eles vão ter estar inseridos juntos, então primeira coisa é aceitar ele dentro e não discriminar, não excluir ele de nada, tudo que a gente fazia em sala eles ainda sempre era inseridos, questionado, por exemplo o W era mais tímido, mas sempre o questionava pedindo, tentando que ele se expressasse, para estar inseridos juntos com todos nós. E ele era

bem resistente a sentar com alguém, a sentar em dupla, mas daí eu comecei a deixar a escolha dele pelo colega, com quem queria fazer par, e daí ele começou a se soltar mais, e todo mundo o aceitou, e isso é muito importante mostrar para os colegas que ele faz parte da turma e que é para eles aceitarem que mesmo sendo diferente na questão da língua, mas que eram para eles o ajudarem e isso fez toda a diferença, e assim foi feito, dizendo que ele de forma alguma poderia ser excluído de nada, e que era um direito dele estar ali estudando, e eu como profissional, tenho que pôr isso em primeiro lugar, e tenho que fazer de tudo para que ele aprenda, e até o fim do ano ele se desenvolveu muito bem.

6. De certa maneira, não era um desafio para esse aluno, era também para você devido a barreira linguística, poderia descrever com consequia conversar e solicitar que ele participasse da sua aula?

R: Primeiramente, foi bem difícil para ele se comunicar, o aluno X e Y eram mais falantes, como já disse o X já estava a mais tempo no brasil, e tinha mais conhecimento da língua nossa, já o W foi mais difícil por conta da sua timidez, então o desafio maior foi com ele, fazer ele ter confiança em mim, na minha pessoa como professora, e devagarinho e fazendo minhas pesquisas, e em alguns momento a nossa serviços gerais que era venezuelana nos ajudava em sala de aula, então quando eu tinha dívidas e nas pesquisas eu não achava o que eu queria eu recorria a ela para traduzir para ele, e em muitos momentos era o google mesmo o meu socorro. E assim eu pesquisava o básico, como exemplo como falar para ele ir ao banheiro, os dias da semana, os tipos de brincadeiras, coisas desse tipo, para a gente também entender, em especial nas rodas de conversas, para eles contarem como foi o fim de semana, contar uma história para nos entender o que ele iria trazer pra nós, então a pesquisa e o auxílio foram o grande aliado nesse desafio, e isso não foi fácil para nenhum de nós, imagina para uma criança, mas o desafio é bom porque a gente aprende muito.

7. Acredita que essa barreira linguística pode dificultar o desenvolvimento

intelectual dos estrangeiros, pois para que eles aprendam essa segunda língua eles terão que “anular” o seu conhecimento de mundo pré- existente?

R: Assim, principalmente nas crianças eles vão aprender facilmente o idioma novo onde eles estão inseridos, mas também infelizmente eles irão esquecer toda cultura, toda vivência deles do outro país, e se as famílias deles não for muito de preservar ali as tradições, então eles vão esquecer, e vai chegar uma época ali que eles não vão lembrar de onde eles moravam, de como era, mas o bom é que se essas famílias continuassem preservando essa cultura, até porque para eles seria muito bom, já ter uma segunda língua, como já tem a língua materna, agora já acrescenta uma segunda língua pra eles, para o trabalho, para o seus estudos futuros, seria muito bom, mas é difícil também , porque crianças, elas esquecem também mais facilmente, e isso é muito óbvio e nós também, enquanto escola, porque assim, a gente também peca, temos nosso modo de ensinar e daí a gente quer que todo mundo siga isso, e como estamos no município de Medianeira, nos temos um plano de ensino, a gente tem um currículo a ser seguido e a gente quer que ele seja dessa maneira, então ele acaba deixando porque a gente não vai em busca de como era lá, o que é pra nós o que eles seguem lá, a gente busca mais só a parte da oralidade, ou a comunicação que a gente precisa para poder se comunicar, mas a parte de cultura, do que eles trazem da vivência antes no seu país a gente não busca conhecer e acabamos impondo as nossas regras(impondo não), mas a gente acaba falando do nosso país, para os maiores talvez dá para fazer um conhecimento do país onde eles viviam, talvez nas disciplinas como história, geografia, mas também não é muito, porque temos já um cronograma, um plano de ensino preparado, então não dá pra mudar, então por isso eu vejo que esses nossos pequenos, das séries iniciais, pré-I , II e primeiro ano, logo acabam esquecendo da língua, das tradições, esquecem de como era onde eles moravam porque eles acabam tendo lembrança de agora.

8. Essa mudança que se exige em decorrência de este estudante estrangeiro ter que aprender uma nova língua em tempo hábil para poder acompanhar o

desenvolvimento do plano de aula já traçado, acha que em algum momento os deixam em situação de atraso em relação aos outros colegas?

R: Não, em momento nenhum, se a criança tem interesse, tem vontade, não é por conta da língua que ela vai ficar atrasada, e assim o que eu percebi dos três venezuelanos que eu tinha em sala de aula a área da matemática eles bem desenvolvida neles, eles tinham uma facilidade muito grande na área da matemática, e assim, claro que a língua na parte de português ela se atrapalhar um pouquinho na hora de falar era pouca coisa, eles tinham uma desenvoltura muito grande, então não vai afetar em nada não, é como se fosse uma criança do próprio país aqui, um brasileiro, se a criança tem vontade, não tem limitações, não tem dificuldade, nada que a impeça e tem o auxílio da família em casa, tem interesse vai se desenvolver naturalmente sem problema nenhum, isso não vai afetar em nada mesmo o seu aprendizado.

9. Teve situações em que você não conseguiu entender o que seu estudante dizia, como você conseguiu contornar essa situação? Conseguiria nos dar exemplos reais?

R: Como falei quando não entendia buscava na internet, pra poder entender, ou para me comunicar, então eu mesmo buscava e quando tinha na escola uma venezuelana eu recorria a ela, mas isso não foi por muito tempo, logo depois de uns dois ou três meses depois ele já conseguia se comunicar normalmente, a gente já conseguia entender, ele entendia bem o que a gente falava, então não teve muita situações desesperadoras.

10. Ser professora na atualidade com esse cenário diferente te coloca ou te colocou a prova para atender essa demanda que é sabido ser crescente em nossa região?

R: Pois é, chegou para nós uns novos, chegou, do Chile, chegou da Venezuela, um da Guiana, mas não sei de qual Guiana, e não sei para que escola foi, já tivemos Haitianos, e a gente sabe que vai crescendo, porque assim, as dificuldades que eles tem no país deles, financeira e econômica, então faz com que eles busquem vir para países com melhor situação, assim como o Brasil, e como é enorme e abrange e aceita estes migrantes, e a

nossa região é uma região riquíssima, em desenvolvimento, para nós, sabemos, ser e precisar de mais melhorias, exemplo a saúde, anda precária, mas para eles que estavam em situações talvez desumanas, eles sentem-se muito contentes ao chegar aqui, para eles estão no paraíso, primeiro vem uns poucos depois trazem seus familiares, sei de alguns que se juntam vários e alugam um lugar e ficam todos juntos, as vinte em uma casa só, até eles se ajudarem e eu vejo assim, a nossa região abarca muitos empregos, pra nós, a gente menospreza o trabalho nos frigoríficos aqui, Frimesa, Lar, não querendo trabalhar, mas eles vem e vão trabalhar bem contentes, mesmo que seja na linha de produção, cito o exemplo do pai do X, ele tem formação de engenheiro, mas veio trabalhar aqui na linha de produção para fugir das mazelas do seu país, e começam a juntar seu dinheiro, tem uma casa para morar, conseguem pagar as suas contas, e até mesmo mandar dinheiro para fora e ajudar quem ficou lá fora, tem acesso a uma casa, a luz, a internet, a água, e conseguem o acesso a saúde, o que pra nós não é atrativo, não é o que desejamos, buscamos o melhor, reclamamos muito, e para eles é o paraíso, até essa semana, chegou uma família da Argentina, e eles em trinta dias já conseguiu consulta, que ele já veio doente, e já conseguiu, e estava contente por ter conseguido, e nós reclamamos, queremos mais, e para eles tem essa melhoria de vida, tem liberdade então eles estão se sentindo bem aqui, e isso eu vejo não só o estrangeiros, mas também do próprio país, os que vem lá de cima, região Norte e do Nordeste, e porque buscam uma melhora na qualidade de vida, porque a nossa região é privilegiada, para trabalho, a própria estabilidade financeira, tem acesso a tudo, não é uma cidade grande onde tudo é mais fácil, não fica em fila de espera, ou fica jogado em corredores em se tratando de saúde, os postinhos atendem bem toda a demanda, e é isso que eles estão buscando tanto os estrangeiros como os lá de cima, poder ter um padrão de vida com melhorias mesmo tendo que trabalhar nesses frigoríficos horas a fio, mas sabem que serão remunerados pelo esforço. Esse é o privilégio que eles procuram aqui, nessas cidades menores.

11. Percebendo toda essa dificuldade acredita que poderia existir maneiras que pudessem ajudar vocês como professores acolheram de uma forma empática

esses estrangeiros repatriados em nossa escola?

R: E isso acho que é uma coisa que não se foi ainda pensado, assim como acaba sendo distribuído um pouquinho para cada escola, não se aglomera então isso ainda não foi pensado, é, a princípio quando cai um aluno desse, estrangeiro, na sua sala de aula, o professor vai em busca de conhecimento, via Secretaria da Educação, uma formação a gente não está tendo, então cada um tem que busca, então, a princípio é a busca própria, individual, quando a água chega nas canelas a gente tem ir buscar, pesquisar, estudar, mas devagarinho acho que vai, porque isso está se tornando tão comum e tão habitual assim que nem se fala como no começo, meu eu tenho um estrangeiro na minha sala! Agora nem se fala mais, diferente quando veio a primeira Haitiana para nossa escola era bem difícil, mas está se tornando normal, agora temos muitos venezuelanos, então está chegando tanta criança que agora é normal, e a busca é de cada um, de cada professor, de cada profissional, de buscar para assim receber da melhor forma esse aluno. Tem professores que além de não buscar ainda só fica reclamando, a primeira coisa é a aceitação, não agora ele é meu aluno, é a mesma coisa que está acontecendo com os paraenses, ah! Aquele aluno tem dificuldade de aprendizagem porque é paraense, porque isso! Não a primeira coisa que eu tenho que pensar, não, agora ele é meu, não é um paraense, agora ele é um Medianeirense, ele é paranaense, o que temos que pensar é a situação em que ele estava lá, a precariedade da educação e tal, e percebo muito a obrigatoriedade, os estrangeiros, esses lá de cima, não sentem que seja obrigatório ir e estar na escola, porque a briga grande aqui, porque aqui é cobrado, muitos pergunta se é obrigado a ir todo dia, e nos falamos sim pai, é obrigado a ir sim, ele tem frequentar, ele tem que ir no apoio, então assim, e isso a gente não vê da parte desses estrangeiros e dos do norte e nordeste, parece que o governo não cobra isso, ninguém vai atrás, isso parece cultural, eles não estão habituados com essa cobrança como a gente cobra aqui, senão o ministério público vai atrás, se faltar a gente aciona o conselho tutelar e isso é um grande impasse que temos na educação, mas é muito da cultural, mas devagarinho a gente chega lá, eles vão aprendendo, e assim, os primeiros que chegavam era mais difícil, mas o que estão chegando agora por conta do que os que já estavam aqui antes já os alerta, e diz o que se

deve ser cumprido em relação a escola já não é tanto como no começo, então eles já repassam que é obrigatório ir pra escola, que não pode faltar senão o conselho é acionado, podem perder algum auxílio que recebem então eles mesmos estão mudando a atitude em relação a isso, mas e uma luta diária, mas é a mesma coisa quando começou a inclusão, era um desespero pra gente esses alunos inclusos, alguns diziam ah está vindo um cadeirante! Ah! vem um Dwon, e não sei o que né, mas agora é normal em toda sala, ou tu tem um TEA, ou um TDAH ou um cadeirante, então toda sala tem um incluso e se tornou normal, e assim é com os estrangeiros, passou a ser novidade e faz parte de nós agora como escola.

12. Conseguiria pensar em algo prático que pudesse ter lhe ajudado e ajudar a outros que passam pela mesma situação todos os dias?

R: Olha, sinceramente naquele momento não tinha nada em mente, somente me atentei a buscar maneiras de ajudar os novos membros da turma que era os estrangeiros, e fui dando o meu melhor, buscando pesquisando, e é isso.

13. Acreditando e pensado em toda essa dinâmica de desenvolver essa criança como as demais, como você percebia que era o interesse que esse estrangeiro tem dentro da sala de aula, estão atentos da mesma maneira? Ou por ser outra língua de início eles não estavam em mesma sintonia de aprendizado?

R: Olha eu não vi diferença nenhuma, todos os três se desenvolveram muito bem, sempre mostraram interesse e queriam aprender, principalmente a língua, palavras novas buscavam saber como falava em português, talvez os maiores tenham maior dificuldade mas pode ser por falta de interesse, o que eu não vi nos meus três pequenos, eles eram muito curiosos em tudo, então é muito do interesse, quando a família também tem interesse e ajuda, não tem barreira que dificulte o aprendizado dessa criança, claro que vai ser um pouquinho mais difícil para entendimento, mas não será uma barreira de impedimento, eles vão atrás vão pesquisar.

14. Um curso de espanhol, sabemos que não é tão viável assim, mas se tivessem cursos ofertados como proposta de acolhimento na língua desse estrangeiro, será que os professores teriam interesse ou isso não é de importância? Qual é a sua opinião?

R: Acho que seria de bastante interesse, hoje eu vejo que o inglês não tem nenhum valor aqui nessa região, por conta de que precisamos e atender a esses estrangeiros de língua espanhola, seria um bom caminho para a gente começar, nem que fosse apenas o básico, pra gente entender, não precisa ser um curso aprofundado, a exemplo de Foz, talvez aula para os alunos, vai deixar um pouco defasado algumas áreas como português e matemática para encaixar esse espanhol, mas para nós professores se houvesse um curso para conhecimento básico eu acredito que só agregaria muito mais facilidade para trabalhar com esses estrangeiros. Exemplo que vou dar, tem o curso de LIBRAS, tem cursos para quem trabalha com os inclusos, então porque não um básico de espanhol para nós trabalhar com esses alunos de língua estrangeira? 90% dos alunos que vem é de língua espanhola então seria muito valioso um curso assim, mas como digo tudo isso agrega custo, agrega valor, então o município precisa de verba, daí, tudo precisa ser pensado, estudar a viabilidade de tempo, a disponibilidade do professor, o interesse por parte do professor, porque as vezes o professor diz: ah! mas o que vai agregar isso no meu salário? O que vai agregar na minha formação? Eles não pensam que eles vão melhorar dentro da sala de aula com esses alunos estrangeiros. Sempre pensam na barreira da disponibilidade e no financeiro, muito professores dizem assim: ah! mas já estou pra me aposentar porque vou fazer uma formação dessa? Eu penso já nas próximas formações do magistério, ou na faculdade, fazer algo que possa contemplar uma formação que possa ser de acolhimento com uma língua tão próxima como o espanhol. Se nós fossemos atrás poderíamos conseguir nem que fosse dois de cada escola, mas não tem interesse, eu penso que quando a criança é bem tratada, ela é aceita, ela vai se desenvolver muito bem, e se nós tivéssemos esse conhecimento seria tudo de bom. O que temos que ter em mente é, as crianças são de boa, nós é que somos preconceituosos em alguns momentos, se nós colocarmos essas crianças em primeiro lugar, falando das suas dificuldades e os ajudando pode ter certeza que eles não

sentirão dificuldade nenhuma de se desenvolver em todos os sentidos, abraçar eles como nossos alunos.

15. Durante todo o tempo que estou em estudo na Universidade, em conversa com os meus professores sempre houve ideias de preparação de cartilhas com palavras do dia a dia, frases curtas, mas que tem muito valor para ser posto em prática. Você como professora que passou por situações onde o seu aluno não entendia o português naquele determinado momento, essa cartilha seria de ajuda? Ou ela é irrelevante por seu estudante ter que aprender o português?

R: Isso seria muito interessante, algo que pudesse nos ajudar é algo muito interessante mesmo, ainda não havia pensado nessa possibilidade, mas ajudaria muito, por exemplo, quando queria dizer aos alunos para irem ao banheiro e não conseguia fazer o aluno W me entender era muito complicado, depois que descobri que se eu dissesse “al baño” ele me entendia, ficou mais fácil dar esse comando por assim dizer, seria muito bom, por exemplo, tipos de cumprimentos, os dias da semana, os meses, números, pegar água na garrafa, ir ao banheiro, dias comemorativos, tipos de brincadeiras, nomes dos materiais escolares. E isso poderia até mesmo ir no plano de aula, alguma palavra poderia ser acrescentada para conhecimento de todos. Olha é muito interessante, essa cartilha poderia ter me ajudado muito com meus três alunos no ano passado com meu Pré II. [risos]

4.3 REFLEXÕES SOBRE O ACOLHER E O INTEGRAR

Partindo da proposta que é o acolhimento e a percepção de toda dificuldade vista no meio escolar da Escola Municipal onde trabalho, comecei, após ver que a todo momento sempre tem novos alunos sendo inseridos dentro do meio escolar, a perceber a entrada de muitos estrangeiros, uns que já entraram e saíram, outros recém-chegados. O que se observa em toda essa dinâmica é o olhar do professor

que recebe essa incumbência e precisa, mesmo sem saber como, dar um direcionamento para que esses novos membros da sala de aula sejam acolhidos, sejam recebidos e principalmente aceito por todos. Quando digo todos, não me refiro apenas aos que fazem parte da direção ou dos professores, mas sim a toda comunidade escolar, professores, alunos, funcionários e demais do meio escolar.

Essa dinâmica em voltar o olhar para seu estudante dando a ele o valor de sua identidade como sujeito e, assim, fazendo uso da alteridade necessária, onde existe a necessidade de se pôr no lugar do outro poderia sim, auxiliar tanto professor como estudante dentro da sala de aula.

Quando digo, sem saber o que fazer, digo no sentido em que dentro da sala haverá muita dificuldade em se comunicar. Neste sentido, pensei em falar com uma das professoras que recebia em sua sala de aula três estudantes estrangeiros vindos da Venezuela, chamou-me a atenção pela situação do acolhimento linguístico a qual não existia. Professor que somente tem como língua portuguesa e recebeu crianças que naquele momento só falavam o espanhol, como era para essa professora do Pré II, séries iniciais, conseguir com que esses novos fossem inseridos e que conseguissem como os outros também se desenvolvessem na sua aprendizagem e no convívio escolar.

Primeiramente ao perguntar como ela percebia essa novidade que estava surgindo no cenário brasileiro, que é a vinda de muitos latinoamericanos para a nossa região e a sua inserção em nosso meio escolar, a resposta dela me surpreendeu, não que fosse diferente, mas ela logo foi dizendo que isso é mais uma das muitas das novidades, como exemplo ela cita, os especiais que foram para a sala de aula também estudar com os "normais" que ao longo do tempo foi sendo adaptado dentro da escola, pois "cada ano é diferente né, primeiro a gente tinha as turmas que a gente dizia normais, os alunos normais, sem inclusão, aí venho a inclusão, e agora nós temos os alunos estrangeiros, que fazem parte da nossa rotina, então assim, a cada ano é uma descoberta nova, uma mudança e gente tem sempre que ir em busca para conseguir melhorar".

Como educadora poderia dizer que não havia passado por tal situação, até então recebeu na época da pandemia um estrangeiro colombiano, que somente recebia o material, mas não estavam naquele momento em sala de aula, somente

havia comunicação por meio de mensagens e assim foi durante todo o tempo. Mas agora no ano passado, em 2022, ela teve que se desdobrar para poder se comunicar com esses três estrangeiros e também fazer com que eles a compreendessem.

Em muitos momentos a professora relata que para poder dar continuidade ao ensino, quando surgia a dificuldade na conversa com seu aluno estrangeiro ela em muitos momentos recorria ao Google como forma de pesquisar palavras para poder dar significado ao que eu precisava dizer, em alguns momentos recorria a uma serviços gerais e ela dava o suporte em determinado momento, mas é muito do buscar para poder se fazer entender, e isso tem muito a ver com que Paulo Freire diz no seu livro *Pedagogia da Autonomia* (1996) “uma de suas tarefas primordiais, é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis” (FREIRE, 1996, p.14).

A todo momento durante a sua aula a professora teve muitas pesquisas a serem feitas para poder se chegar a esses novos alunos com língua diferente da sua, foi um esforço muito grande para que assim ela pudesse repassar todo o conteúdo necessário para o aprendizado de todos em sala de aula. “Era bem difícil, bem diferente a fala, e o mais difícil é que eles não estavam desde o começo do ano, eu estava em desenvolvimento juntamente com os demais e de repente um novo aluno, estrangeiro, tímido, muitas vezes recorria a uma funcionária, mas não podia ser o tempo todo então recorri ao google, na parte da tarde tinha dois, o X e a Y, nesse momento eu pedia ajuda do X para me auxiliar para explicar para a Y, algumas coisas, porque ele já sabia mais o português, então quando eu não entendia o que a Y falava eu pedia para o X me dizer, mas pela manhã o W sozinho, era mais difícil, daí eu ia em busca de pesquisar cada coisa, pesquisar principalmente o básico, os dias da semana, meses do ano, o básico rotineiro para conseguir dar aula, é bem difícil mesmo, eu nunca tinha passado por essa situação”.

Quando falamos em acolhimento e afetividade, temos que pensar toda a percepção de que esses estrangeiros quando vêm para o Brasil, deixam tudo para trás, em busca de uma vida melhor, mas nem imaginam o que irão de enfrentar de novo. o texto de Apple chama atenção para o caso do afeto, tão significativo para ambas as partes envolvida na educação, tanto o educando como o educado, “eu te

afeto você me afeta” e com isso em mente, podemos entender que sempre precisaremos um do outro como sendo “blocos construtores de uma sociedade” ... “onde uma sociedade que não se organiza em forma de normas e racionalidade de amor, cuidado e solidariedade” ... “não pode ser considerada verdadeiramente comprometida com a igualdade” (APPLE, 2017, p.35)

Um ponto muito importante citado pela professora entrevistada foi que essas crianças, por serem das séries iniciais logo pegam ou aprendem a nova língua, inclusive citando que estudos declaram que dos 6 aos 11 anos é a fase da aprendizagem onde o cérebro cria novas conexões sinápticas o que auxilia no desenvolvimento cognitivo. “Logo eles pegam a nossa língua, aprendem, e vão se pagando do nosso idioma, os estudo dizem que dos seis aos onze anos é a fase da alfabetização, e a melhor fase de aprendizagem dessas crianças, e quando chega esses estrangeiros para nós, ali em sala de aula, com seus seis a oito anos também fica mais fácil, porque eles acabam se apropriando facilmente da língua, e infelizmente por conta da escola, e depois por precisar trabalhar estes estrangeiros acabam deixando de se comunicar na sua língua e começam a falar somente o português, o que é uma pena”. E nessa fase a criança aprende mais rápido, captam melhores os sons podendo devido a isso falar com mais fluência. E como já se sabe, pela criança não ter inibição ou mesmo o medo de errar facilita muito o processo de aprendizagem, desenvolvendo as relações sociais e amplia, por assim dizer, o seu conhecimento de mundo, alteridade pelo outro.

Mas ela ressaltou que isso é bom e não ao mesmo tempo, pois a partir do momento que estão aprendendo essa nova língua eles acabam apagando a sua língua materna, e se os pais não tiverem isso como importante, só falando na nova língua, deixam de praticar a língua materna como necessidade primária e assim, acabam por apagar a sua identidade .

O ponto aqui que chama muito a atenção é a preocupação da parte da professora que eles podem perder sua identidade e isso é muito do que o autor Rajagopalan(2013, p.41) citando Calvest(2007) “...Sempre houve indivíduos tentando legislar, ditar o uso correto ou intervir na forma da língua” ... “ou impor à maioria a língua de uma minoria” ou vice versa no caso dos estrangeiros em nosso país, dificultando o direito que eles deveriam ter, pois, os documentos de ordem

nacional e estadual defendem uma proposta de promoção e efetivação dos direitos dos estrangeiros em terras brasileiras.

E quando se pensa toda essa situação vivida por esse estrangeiro e também com o professora em sala de aula podemos refletir quão grande é a falta que faz um ensino que ajude aos professores nessa nova jornada, e ao falar sobre isso a professora entrevistada deixou bem claro que durante a sua formação em pedagogia nem se cogitava falar sobre um ensino que pudesse abarcar possíveis estrangeiros em sala de aula. Então poderia se fazer o seguinte questionamento, se todos têm o direito de ir e vir, e com isso pode ocorrer sim muitas mudanças, não só de um estado para outro, mas também de países, porque não haver uma preocupação com esses migrantes?

Trago novamente a citação de Rajagolapan(2013, p.22) que diz que todos sem exceção tem direitos “tem o direito e o dever de participar em condições de absoluta igualdade, sem se importar com a classe econômica, sexo, orientação sexual, idade, escolaridade, e assim por diante” Trazer esse ponto me faz pensar em como esses estrangeiros acabam sendo invisibilizados, desvalorizam tudo oque eles já tem de conhecimento, ou seja, é um total apagamento de sua identidade.

Sempre houve esse tipo de transição, as histórias sobre isto são existentes desde tempos antigos, mas o problema é a não importância dada aos outros. Bom, o que se pode tirar dessa indagação é que ninguém realmente olha o outro com olhar de alteridade e de preocupação. Inclusive ao pensar nisso a professora disse ser uma ideia para a melhoria das novas formações tanto no magistério a nível de ensino médio, como no ensino superior, na pedagogia. Pensando nisso podemos ver na dissertação da (SALGADO,2018, p.37) como existe esta preocupação sendo estudada:

Para transformar essa realidade, os cursos de formação de professores deveriam prepará-los para uma realidade multilíngue presente na maioria das escolas brasileiras. Para tanto, seriam necessárias disciplinas que trabalhassem Sociolinguística Educacional, Línguas, Iniciação à Pesquisa, Antropologia Educacional e Interação em Sala de Aula.

Mas, como a professora mesmo disse, essa não é uma proposta que existe, mas quem sabe um dia e é essa a esperança, nada que devido a tantas mudanças não possam se tornar uma realidade em anos posteriores.

Essa preocupação da parte da professora mostra uma preocupação genuína com os estrangeiros que estão sendo repatriados, essa preocupação e olhar de empatia era por ela citada a todo momento e acreditando nisso ela sempre teve a preocupação primária em inseri-los dentro de tudo em sala de aula, “olha, primeiramente é a aceitação deles em sala de aula, temos que ter a empatia de aceitar ele dentro da sala de aula e dizer, não eles estão aqui, e eles são nossos e eles vão ter estar inseridos juntos, então primeira coisa é aceitar ele dentro e não discriminar, não excluir ele de nada, tudo que a gente fazia em sala eles sempre eram inseridos, questionado, por exemplo: o W era mais tímido, mas sempre o questionava pedindo, tentando que ele se expressasse, para estar inseridos juntos com todos nós”, mostrando como ela sempre exortou a todos em classe que os recebessem e os atendessem como membro daquela sala naquele contexto, mostrando que eles não falavam ainda a língua portuguesa, mas que estavam ali para aprender. Mantoan(1993) defende muito essa prática ao dizer que deve se ter um “entendimento das relações entre as pessoas fazendo-se acompanhar de medidas que objetivam a eliminação de toda e qualquer forma de rotulação”.

E que ela como professora, profissional tinha a obrigação de tratar eles de uma maneira que se sentissem acolhidos e receptivos, ato de afetividade muito importante para uma criança se desenvolver e assim assimilar todo conhecimento ensinado pela professora, isso tem muito a ver com a igualdade afetiva que APPLE defende “ o sistema afetivo não é apenas tão fundacional como outros sistemas estruturados e estruturantes que servem como blocos construtores da sociedade”,(APPLE, p.35) sim, quando o professor tem essa preocupação, essa criança que está sob seus cuidados irão se desenvolver muito bem, e poderão se tornarem adultos muito bem desenvolvido dentro da sociedade, tendo em sua mente a preocupação com o outro, e assim ele pode mudar a sociedade onde vive.

(FREIRE,1996, p.24) exorta isso de uma maneira tão linda no sentido de que a nossa formação como professor precisa ser medida com preocupação na formação dos alunos:

O que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser “educado”, vai gerando a coragem.

Mas, por mais que pode sim, ter um desenvolvimento que gere uma atitude positiva dentro da sociedade, se no momento atual essa criança não consiga ser ouvida, devido à barreira linguística e sem o esforço do professor em buscar meios de se comunicarem e conseguirem compreender, não haverá um ensino aprendido satisfatório para nenhuma das partes, e isso foi muito falado pela professora, ela sentia muito a dificuldade de comunicação, mas isso não deixou que se tornasse um problema, ela foi em busca de compreender essa criança para aprender juntamente com os demais. E para isso, se valia de pesquisas dentro do seu celular e algumas vezes quando a funcionária estava por perto e por ser também estrangeira dava uma ajuda que era muito bem-vinda naquele momento e situação. “E assim eu pesquisava o básico, como exemplo como falar para ele ir ao banheiro, os dias da semana, os tipos de brincadeiras, coisas desse tipo, para a gente também entender, em especial nas rodas de conversas, para eles contarem como foi o fim de semana, contar uma história para nos entender o que ele iria trazer pra nós, então a pesquisa e o auxílio foram o grande aliado nesse desafio”. Essa situação fez com que essa professora também aprendesse por estar a todo momento pesquisando e isso ao meu ver deu uma satisfação pessoal a ela, ela teve que se superar em alguns momentos, pois como ela disse, não conhecia o espanhol, e algumas palavras podem ser parecidas mas o significado é totalmente diferente, nesse momento até riu de algumas situações.

Continuando com o assunto de barreira linguística pudemos conversar onde ela descreveu o que acontecia com essas crianças ao aprenderem nessa fase uma nova língua, a preocupação da professora é que devido a essa necessidade de aprender uma nova língua ela podem esquecer da sua língua materna e até mesmo por conta de estar morando em outro país, esqueçam do que existia antes, da sua cultura, sua vivência, suas tradições, e com ela bem disse isso é muito triste, pois infelizmente, ela irá perder a sua identidade. Identidade esta que deveria ser valorizada e não apagada. Podemos pensar nesse sentido olhando para o que diz (SOARES, 2002, p. 13):

Por fim, a relação com grupo evidencia tanto o da sociedade de origem, que foi deixado fisicamente, mas que permanece de uma maneira ou de outra, na memória, quanto o grupo da sociedade de destino, ao qual é preciso impor-se, aprender a conhecer e dominar.

O que se percebe nesse fragmento do texto, que pode ficar resquício do que se viveu em outro país, mas somente se for dada continuidade dentro dessa nova realidade, e que essas crianças por estarem na primeira fase de sua vida podem esquecer o que viveu e aprendeu de sua terra natal, existe uma necessidade de não deixar que isso ocorra, impor e dominar o conhecimento que ela tem em sua memória se faz necessário sempre.

Ao continuar nossa conversa ela ainda me falou que esses alunos estrangeiros em momento algum deixaram de aprender, e muito disso é devido a dinâmica que a professora usava para ajudar eles a se sentirem parte da turma desde o início. E ela relata que por mais que houvesse dificuldades, o interesse do próprio aluno e também com a ajuda dadas pelos pais eles se desenvolveram da mesma maneira que os demais. "...se a criança tem interesse, tem vontade, não é por conta da língua que ela vai ficar atrasada, e assim o que eu percebi dos três venezuelanos que eu tinha em sala de aula a área da matemática eles bem desenvolvida neles, eles tinham uma facilidade muito grande na área da matemática, e assim, claro que a língua na parte de português ela se atrapalhar um pouquinho na hora de falar era pouca coisa, eles tinham uma desenvoltura muito grande, então não vai afetar em nada não". Muito disso, também se dá pelo interesse que o professor tem em não dizer ou agir discriminando ou rebaixando eles, por serem estrangeiros, mas, tomando para si a responsabilidade de dar o seu melhor, para que assim, exerça a sua docência com excelência. (FREIRE, 1996, P.16):

Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Quando o professor se esforça por procurar como ela, e busca para poder ajudar, ela está atuando como professor e como aprendiz junto de seus alunos, em especial, com quem naquele momento precisa mais dela, no caso, os estrangeiros.

E foi muito disso que ela fez durante todo o ano de 2022, pois, mesmo que estes estrangeiros estavam conseguindo se desenvolver na nova língua, ainda assim era de responsabilidade dela dar continuidade a um ensino que fosse para a autonomia dessa criança dentro do meio escolar, e ao terminar o ano e ao iniciar esse novo ano ela já não está nessa escola, assumiu uma nova delegação na secretaria de educação, mas seus alunos quando a vem correm para dar seu carinho, nas raras

visita que faz pelo cargo que está exercendo no momento coordenadora pedagógica das séries iniciais, a saber, os Prés I e II então sim, o professor deixam marcas em seu pequenos, e eles podem ser boas ou ruins, dependendo da atitude do professor.

Ao perguntar como pensou a aparição de tantos estrangeiros na rede de ensino e ver como essa dinâmica mexeu com a comunidade escolar, a professora pode dizer que não se percebe muito, pois, estão todos espalhados em toda a rede municipal, mas que mesmo assim a cada dia que um novo aluno estrangeiro chega ouve se alvoroço por parte do professor e uma preocupação em como conseguir dar conta de ensinar conteúdo a integrantes com uma língua distinta, mas ela ainda ressalta de que não adianta resmungar, você é o professor, e como tal precisa agir para ensinar, e pronto. Ela mesma nos diz:

Tem professores que além de não buscar ainda só ficam reclamando, a primeira coisa é a aceitação, não, agora ele é meu aluno, é a mesma coisa que está acontecendo com os paraenses, ah! Aquele aluno tem dificuldade de aprendizagem porque é paraense, porque isso! Não, a primeira coisa que eu tenho que pensar, não, agora ele é meu, não é um paraense, agora ele é um Medianeirense, ele é paranaense, e assim, buscar maneiras de inseri-los no mesmo ambiente dar o seu melhor, é a melhor forma de exercer a sua docência.

E para ter conhecimento de como está a demanda de toda essas crianças na rede municipal de ensino, solicitei um levantamento junto a Secretaria de Educação, a qual prontamente me atenderam, os dados que me passaram é que temos muito estrangeiros, entre as escolas e os cmeis totalizando um número de 191 crianças estrangeiras matriculadas, e sempre chega mais novos. Então é como a professora já disse, eles estão vindo e nós temos a responsabilidade de educar eles também, como nossos, Medianeirense.

E este professor que talvez se sinta de alguma forma impotente no ambiente escolar ao ser confrontado com essa realidade tão presente, e nesse momento crucial um olhar de alteridade desse professor pode ser o de:

“pensar o ensino a partir de um olhar não mais subordinado ao didático, pois a inscrição por parte do sujeito da linguagem na ordem da língua dá um rumo ao trabalho” (BORBA, 2017, p. 407).

Essa dinâmica em voltar o olhar para seu estudante dando a ele o valor de sua identidade como sujeito, e assim, fazendo uso da alteridade necessária, onde existe a necessidade de se pôr no lugar do outro poderia sim, auxiliar tanto professor

como estudante dentro da sala de aula. Neste momento, o professor e o aluno compreenderá e perceberá que está sim, sendo respeitado a identidade desse aluno e buscar dar o seu melhor como professor mesmo tendo essa barreira linguística, o professor conseguirá repassar o conteúdo de uma maneira que todos possam compreender

Um das dificuldades levantadas por ela, foi que no começo, foram as faltas, eles acabavam não tendo a responsabilidade em ir regularmente para a escola, mas ao serem orientados, exortados da importância da aprendizagem para seu próprio desenvolvimento era eliminar a continuidade de faltas, e assim, eles conseguiram melhorar nesse quesito, e isso é importante, inclusive pois, para eles receberem alguma ajuda em relação a dinheiro, como bolsa família as crianças precisam estar frequentando as aulas, reforços e assim por diante.

4.4 IDEIAS DE PROPOSTAS PARA AUXÍLIO AOS PROFESSORES

Finalizando nossa conversa e falando da proposta que poderiam ajudar aos professores, ela disse que não se ouve nada, nada de curso, de treinamento, de diálogo, com ideias para receber esses estrangeiros na rede municipal de ensino, mas isso é uma coisa que realmente as esferas superiores nem cogita propor, existe sim propostas, mas elas não se cumprem, no documento II Plano Estadual de Política Públicas para Promoção e Defesa dos Direitos dos Migrantes, Refugiados e Apátridas do Paraná (2022-2025) existem ações para “ofertar cursos específicos de língua estrangeiras para a qualificação de professores e profissionais que atuam com migrantes, refugiados e repatriados”, mas ao observar essa proposta em muitos locais somente está no papel, como sempre não se cobra uma atuação verdadeira dentro dessa problemática existente.

Quando na última pergunta falei da proposta de uma cartilha que pudesse ajudar aos professores na comunicação com seus estrangeiros, visto não haver nada nesses sentido a professora deu a perceber uma vibração muito boa, inclusive ao dizer que nunca havia pensado nisso, ela fez demonstração de muito interesse da parte dela, até mesmo dizendo como poderia ser muito bom ter tido isso em

2022, e dando risos de alegria pela ideia, ainda citou o que poderia abranger nessa cartilha, isso me deixou bem motivada na proposta que ajude nessa problemática existente, e que ninguém propõem nada, para haver um auxílio, e que essas professoras não precise assim enfrentar toda essa dificuldade sem nada para auxiliá-las em sala de aula.

Ainda existem professores como essa entrevistada, que diante da situação imposta ela conseguiu dar conta, e deu o seu melhor para seus alunos. E como ela conseguiu dar conta? Por saber que ela não é apenas professor, ela também precisa se tornar pesquisador:

Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescenta à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador. (FREIRE, 1996, p. 17).

Buscar se aprimorar nunca será demais, mas o que se deve ter em mente é que toda pesquisa e conhecimento trará em nós uma carga de responsabilidade que deve ser de ajuda não somente para quem pesquisa, mas que esse conhecimento poderá ajudar outros que talvez estão ou irão passar pelas mesmas situações. Acreditando nisso podemos refletir no que está escrito no texto “Professor pesquisador” de autoria da Stella Maris Bortoni- Ricardo (2015, p.46) que diz:

O professor pesquisador não se vê apenas como um usuário de conhecimento produzido por outros pesquisadores, mas se propõe também em produzir conhecimentos sobre seus problemas profissionais, de forma a melhorar sua prática. O que distingue o professor pesquisador de outros professores é seu compromisso de refletir sobre a sua prática, buscando reforçar e desenvolver aspectos positivos e superar as suas próprias deficiências.

Durante toda a fala da professora entrevistada ela trouxe à tona o esforço que ela teve que fazer para poder atender a dificuldade de tono linguístico existente entre ela e seus alunos migrantes de língua espanhola. Nesse esforço da parte dessa professora mostra muito bem a grandeza de quem é apenas um professor mediano e um professor pesquisador, que “quando se volta para a análise da eficiência do trabalho pedagógico esses pesquisadores estão mais interessados no processo do que no produto” e que assim, busca sempre caminhos para poder

atuar de forma plena na docência na qual se formou.(Bortoni- Ricardo, 2015, p.41)
Acredito que mesmo com muitas dificuldades enfrentadas por essa professora, ela realmente superou as suas deficiências e conseguiu formar crianças como seres pensantes e atuantes dentro da sala de aula.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por certo, ao término de todo esse estudo de caso, podemos concluir o quanto grande é a dificuldade que os professores da cidade de Medianeira enfrentam em relação a migração existente e que nada ainda foi feito para sanar essa dificuldade. Os professores precisam ser muito práticos e esforçados para poderem atender e ajudar aos pequenos migrantes que quase todo dia entram em suas salas de aula com uma grande barreira, a linguística. E que por esforço próprio precisam se desdobrar para fazerem o seu melhor e ensinar a todos com a mesma igualdade e respeito.

Constatamos juntamente com a professora entrevistada que sim, necessitamos rever toda essa problemática e assim propor ideias para solucionar essa defasagem de cunho linguístico.

Percebo quão difícil é para um professor interagir com essas crianças não brasileiras, e isso nos leva talvez repensar como a escola está defasada em acompanhar as mudanças que ocorrem dentro da sociedade. E que devido a isto, poderia afetar a vida escolar, mas buscar dentro do possível meios que não afete nem os que já estão na sala de aula e também o que estão chegando nesse novo cenário é parte principal de um bom professor em sala de aula.

Acreditar que possa ser mudado esse quadro geral é uma boa iniciativa, pensar como poderia ser amenizada essa dificuldade na forma de acolhimento traria benefícios a ambas as partes, o professor poderia ter e dar um atendimento mais afetivo ao conseguir se comunicar com seu alunos quem sabe na mesma língua, esse aluno sentiria essa acolhida afetiva e quiçá responder mais facilmente as dificuldade sentida ao entrar em uma sala de aula, onde assim, poderia trocar algumas palavras na sua própria língua materna.

Infelizmente muitos pais estrangeiros nem cogitam a ideia de pedir, quem sabe no início, alguém que pudessem ajudar tais estrangeiros em sala de aula, pois sabem das dificuldades que existe em solicitar isso, para eles ouvir um não será a resposta mais certa a receber. E isso se dá pela falta de cumprir-se as leis que já

existem, onde o aluno estrangeiro tem todo o direito de receber aulas em contra turno para poder aprender a nova língua, que no caso é a língua portuguesa como língua adicional. Essa é a ideia do acolhimento, tão importante para a vida do aluno nesse novo lugar.

Portanto, para que haja um envolvimento em relação a acolhida dessas crianças não brasileiras, uma possibilidade seria a de os professores levarem em consideração a necessidade de conhecer, no caso de discentes hispano falantes, a língua espanhola, mesmo que não seja em sua totalidade, mas conhecer um pouco, o básico, para que em sala de aula tanto o professor como o aluno pudessem se comunicar, permitindo-se uma troca benéfica para ambos.

No entanto devido a falta de incentivo, segue a saga enfrentadas por professores e alunos, duas línguas, uma sala de aula, e uma luta mútua de se entenderem e tentarem diminuir essa barreira linguística tão imensa para esses pequenos estrangeiros, mas valentes, por que com seus esforços, logo aprendem a nova língua, e começam a se comunicar com seu professor e demais colegas.

Toda essa dinâmica somente é vencida pelo esforço que o professor faz para inseri-los, sem que haja nenhuma discriminação, preconceito ou julgamento, tanto da parte do professor como dos demais alunos em sala de aula, e até mesmo pelos demais profissionais que também estão fazendo parte da comunidade escolar.

Muito importante esse ponto, sabemos que é muito fácil agir de forma preconceituosa, e excluir os que não são iguais a nós, mas devemos ter em mente qualquer tipo de preconceito é crime, portanto atuar de forma a desencorajar tal prática é um exercício contínuo da parte do professor em sala de aula.

Acredito sim, que todos estão aprendendo muito sobre acolhimento, afetividade e alteridade, ao tentar se pôr no lugar do outro; como a professora disse, aqui dentro da escola eles não são os estrangeiros, eles são os nossos alunos e ponto final. Estão fazendo parte da comunidade, dentro e fora da escola, vivem, trabalham, estudam aqui, na nossa cidade, e merecem todo o respeito que nós também queremos ter.

Espero que um dia essa barreira linguística fique somente na memória de quem

passou por essa situação, espero ver um dia, uma valorização da língua espanhola nas escolas dos municípios limieiros, em especial em minha cidade, Medianeira.

Sabemos que como a professora disse, quando se fala em dar curso, existe uma dificuldade pela falta de verba, a falta de interesse por parte da gestão e também pela falta de interesse do próprio professor, que em muitos casos reclamam da falta de tempo, e se isso acrescentará o quê no seu ganho final. Não pensam que poderiam aprender muito sobre o outro país, do qual estão aprendendo uma língua nova, e de toda a diversidade cultural que poderiam acrescentar em seu currículo como professor.

Talvez de toda essa fala de investigar e depois tentar dar um vislumbre a respeito de que acontece dentro dessa escola nos mostrou que não é tão fácil como se pensa dar um direcionamento assertivo sobre o problema observado, como observado sobre o estudo de caso ele fará uma observação global e depois ficará a critério do investigador dar as suas análises. E ao vermos sobre as resposta da professora entrevistada existe sim uma vontade de acertar porém há muito ainda a ser caminhado para encontrar possíveis soluções. o caminho é estar pesquisando e tentando fazer o melhor para que professor e aluno se encontrem dentro dessa dinâmica mesmo com a barreira linguística sendo o obstáculo a ser transpassado.

Acredito que o primeiro passo foi realmente fazer a investigação sobre a problemática que existe em Medianeira, agora partindo dessas considerações, pudemos observar que é um trabalho de longo trajeto, sendo que os primeiros passos são sempre dados pelos professores, que tentam buscar meios de inserir esses migrantes como parte da comunidade escolar.

As questões levantadas de início continuam sem solução imediata, porém o estudo de caso pode ser apenas conhecer em profundidade o como e o porquê sem que possa assim intervir de imediato. Podendo assim com essa pesquisa mostrar uma perspectiva global, sem que interceda, mas, que pode ser usada futuramente para a melhoria da educação do município de Medianeira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPLE, Michael W. A educação pode mudar a sociedade? Tradução de Lilian Loman.-Petrópolis- RJ. Vozes, 2017. p.11-47.

BRASIL. Lei n. 13.445, de 24 de maio de 2017 (2017, 25 de maio). Institui a Lei de Migração. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 25 maio 2017. [Links]

BORBA, Maraísa Rodrigues da Silva. SUBJETIVAÇÃO E PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO. SUJEITOS E LÍNGUAS EM PRÁTICAS DISCURSIVAS -INFLEXÕES NO ENSINO, RESENHA, Universidade do Vale do Sapucaí -Campus Fátima -Av. Prof. Tuany Toledo, 470 -37550-000 -Pouso alegre -MG - Brasilmaraisabruno@gmail.com

<http://dx.doi.org/10.20337/ISSN21793514revistaENTREMEIOSvol15pagina405a417>

BORTONI-RICARDO S.M.O professor pesquisador - 4a. reimpressão. 04. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. v. 01.p.31-55.

DECRETO_Nº_9.873_DE_27_DE_JUNHO_DE_2019.pdf

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila. Apud:GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos de Pesquisa. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

Freire, Paulo Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura) ISBN 85-219-0243-3

FREIRE, Paulo. Política e educação. São Paulo-SP: Editora Cortez, 1993.

MAGALHÃES, G. M. O direito humano à educação e as migrações internacionais contemporâneas: notas para uma agenda de pesquisa. Cadernos Cenpec, v. 2, n. 2, p. 47-64, 2013.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Integração x Inclusão: Escola (de qualidade) para Todos. Universidade Estadual de Campinas, Laboratório de Estudos e Pesquisas em 44 Ensino e Diversidade-LEPED/UNICAMP, 1993. Disponível em: . Acesso em: 25 nov. 2019.

ONU. Declaração Universal dos Direitos Humanos adotada e proclamada pela resolução 217 A III Da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de Dezembro de 1948.

PAYER, M.O.; CELADA, M.T. Subjetivação e Processos de Identificação. Sujeitos e línguas em práticas discursivas – inflexões no ensino. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. 273p. [Coleção Linguagem & Sociedade – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Linguagem – Univas].

RAJAGOPALAN, K. Política Linguística: do que é que se trata afinal? In: NICOLAIDES, C.; SILVA, K.A.; TÍLIO, R. (orgs) Política e Políticas Linguísticas. Campinas: Pontes Editores, 2013.

SALGADO, Daniela. Saberes docentes sobre alfabetização em contexto de variedades linguísticas de português/espanhol. 2018. 105 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste de Paraná, Foz de Iguaçu, 2018. Disponível em: . Acesso em: 18 jun. 2019.

II Plano Estadual de Política Públicas para Promoção e Defesa dos Direitos dos Migrantes, Refugiados e Apátridas do Paraná, 2022-2025.

SOARES, W. Para além da concepção metafórica de redes sociais: fundamentos teóricos da circunscrição topológica da migração internacional. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13., 2002, Ouro Preto. Anais... [S.I.]: ABEP, 2002

